

Titulo: Há uma Via Láctea no Céu de Goiás. História Inventada – Conto

E para ela eu deito os meus olhos todas as vezes que eu preciso de um sonho e foi através deles que eu resisti a uma sina de milhões de meninos e meninas, condenados à miséria, presos na pobreza, vítimas do trabalho infantil.

Minha história é assim: nasci no dia 06 de maio de 1940 em Faina, no noroeste de Goiás, uma cidade pequena, como muitas das coisas em minha vida. Nasci na terra de outrem, onde meu pai nela fincava mais do que o seu trabalho. Fincava sua energia, suas horas, sua vitalidade, e a cada dia um pouco de sua saúde, em troca de um salário que muito alimentava a sua dignidade, mas pouco bastava para a mesa nem sempre farta de uma família de cinco filhos. Faina quer dizer trabalho duro, lida, e a começar pela cidade onde nasci, o trabalho seria determinante em todos os momentos de minha vida, como vou contar agora. Minha mãe dividia a labuta com meu pai, era a caseira da fazenda onde vivíamos – Chão de Sonhos - para a ironia de nossa dura realidade. Cedo participávamos da lida que a roça pede, fazendo um trabalho pequeno de todas as horas, trabalho de menino, que ninguém vê e ninguém paga. Eu era o terceiro filho e desde pequeno me via imiscuído no trato das coisas da fazenda, como a receber por antecipação de herança a lida do meu pai. O patrão prometia uma escola. Dizia que iria falar com o prefeito e que um dia ele iria contratar uma professora que ensinaria as letras para todos nós. Desse sonho vivemos muito tempo, distantes de qualquer outra coisa que nos pudesse trazer esperança de uma vida melhor. Em que pese meu pai fosse apenas um lavrador, sua visão da vida continha o desejo de estudar os filhos, pois no seu entendimento, aquela sua vida não poderia servir de legado para aqueles que viriam depois dele. Lá no Chão de Sonhos não havia a preocupação com a saúde dos trabalhadores e a rotina da lavoura de feijão e milho envolvia o manuseio de defensivos e agrotóxicos, comprados sem procedência, livres da fiscalização. Meu pai os manipulava sem conhecimento, sem proteção, apenas convicto de que uma vida levada com honestidade e trabalho iria lhe livrar da má sorte de um infortúnio. Mas não foi bem assim. Depois de anos aplicando o mata-mato sem proteção, apareceu uma tosse insistente, as mãos não encontravam a mesma força de antes, lhes escapavam as ferramentas e sem saber direito porque os alimentos já não lhe tinham sabor. Da tosse e fraqueza para a profunda prostração não se passaram muitos meses e o medo do salário encolher nos fazia substituí-lo no campo, de forma a esconder do patrão a sua evidente fragilidade. Isso fizemos muito bem, até que o meu irmão mais velho, então com 14 anos, começou a tossir também. Meu pai sentia-se envergonhado por ter adoecido, por não poder mais trabalhar. Na sua visão, não ser capaz de trabalhar era motivo de profunda humilhação e sua dignidade ia definhando junto com o seu corpo, antes tão viril e rígido. À noite, eu o encontrava sentado na soleira da porta de nossa casa, olhava para o céu, como a buscar um consolo na amplitude das estrelas, uma explicação para a sua vida, dedicada ao trabalho, dedicada a Deus nas rezas de todas as manhãs e na missa de domingo, dedicada à família, sem que faltasse carinho para nos oferecer. Desse ritual de olhar o céu muitas vezes eu participava. Ele estendia os olhos embaçados para o horizonte, mirava as estrelas devagar e nos apontava as constelações que lhe revelavam os astros. Seu profundo encanto pela Via Láctea era evidente. Ele nos dizia que era o véu de uma noiva muito bonita, que fora atrás do seu amado, chamado a servir na guerra e que nunca mais voltou. Então, toda noite ela seguia buscando-o pelo céu e pela terra e no seu rastro incandescia seu véu, agora tecido em luzes. Depois que soube disso, jamais olhei o céu da mesma forma, sem pensar naquela noiva esperançosa, na busca eterna pela vivência do seu amor. Eu também vivia a minha busca. Vendo meu pai definhar daquela forma cruel, sem assistência, sem saber o que nos aconteceria, eu olhava para o céu como a buscar uma saída, algo que por encanto nos extraísse daquela vida e dos destinos mal assinalados de cada um de nós. Voltando ao meu pai, nunca imaginei que um homem de vida tão simples pudesse ver tanto em um céu juncado de estrelas. Mas a bem da

verdade, o céu de Goiás é tão lindo que inspira sem esforço as almas dos puros e meu pai era antes de tudo um homem puro. É um céu de uma beleza que as palavras não conseguem contar. O sol vai indo embora, de mansinho, e um azul de noite se aproxima devagar, se anunciando suavemente, até beirar bem de pertinho o preto de uma jabuticada. Então, explodem milhares de estrelas, sem fazer barulho, num cintilar concatenado, intermitente, manso, que enfeitiça os olhos da gente. Quando a noite vai alta, a Via Láctea, ou melhor, o véu da noiva, se desenha sinuosamente entre as estrelas e vira uma seara para os sonhos dos homens. Foi no céu do cerrado, vendo o rastro da noiva fugidia, que eu aprendi a tecer sonhos e a encontrar neles a força para romper com o meu destino, para viver e morrer de uma maneira melhor que o meu pai. E foi em uma noite assim que vi meu pai seguir na Via Láctea. Seu corpo já não tinha qualquer vestígio de viço, suas palavras, poucas, mas sempre valiosas, já não encontravam o apoio da voz para abençoar os filhos, para bendizer a companheira. Seus olhos já não definiam mais os contornos das estrelas. E assim, no abandono de sua vida dura, na aspereza de sua doença, sem nunca ter tocado de perto qualquer dos seus sonhos, ele foi embora de sua vida, se entregando a uma viagem que sua fé lhe dizia ser enfim redentora. É difícil de ver morrer um justo. Aquele corpo frágil, antes viril e combatente, ainda assim era nosso esteio. Sua coragem, sua fé, sua forma de nos fazer acreditar que tudo iria dar certo, sua fórmula de resistir, tudo estancado pelos braços da morte em seu corpo inerte. E eu entendi o abandono. Pela primeira vez em minha vida tinha a exata compreensão do que era me sentir abandonado. Doía muito vê-lo sofrer na sua lenta e silenciosa agonia. Embora não lhe fosse dado a se queixar, seus olhos traduziam uma tristeza profunda, quase audível, que me faziam evitar seu olhar quando me faltava coragem para ver que todo o meu amor de nada servia para aliviar as suas dores, as físicas e as que seu espírito resiliente se habituara a carregar e suá-las no trabalho, esse mesmo trabalho que lhe retirava sua única ferramenta: a saúde. Na altura dos meus dez anos, onde o estudo ainda era um sonho distante, era-me difícil definir em palavras o profundo sentimento de injusto que me dominava. Algo que ardia como raiva, que queimava como gana, mas que eu não conseguia concretizar em uma imagem para que pudesse odiá-la de forma mais evidente. De repente, tomei ira da terra que matara o meu pai, do patrão indiferente a nossa dor, da tosse do meu irmão mais velho, que anunciava a mesma triste sina paterna. Um desejo de fuga, no começo indecifrável, mas depois descontrolado, se apossou do meu espírito. Havia de ter um lugar melhor para se viver, longe da desesperança, longe da falta das coisas, longe da escuridão que meu analfabetismo me propunha. Então pela manhã, depois de um velório simples, como simples foi a vida do meu pai, circundado pelos filhos, pelos outros lavradores, pelo choro copioso de minha mãe, meu pai foi enterrado em uma cava no cemitério ao lado da igreja e por tesouro fincou-se-lhe uma cruz branca, marcada com ferro o seu nome, que eu ainda não conseguia ler, e a data de sua morte. A do nascimento, ninguém sabia ao certo, meu pai era esse tipo de gente que não tem de seu nem um papel, sem registro no mundo. E começamos um caminhar solene para a nossa casinha velha, minha mãe cambaleando de dor, sem conseguir imaginar como seria sua vida sem meu pai. Afinal, desde os seus quinze anos que vivia ao seu lado, durante mais de 18 anos, dividindo parques pães, parcas roupas, abrigos improvisados e casas dos outros. De seus, só os filhos e um amor sem fim, sustentado na fé de dias melhores, que para o meu pai aqui na Terra nunca houve. Na soleira da porta nos esperava o patrão. Primeiro falou do seu pesar, do quanto sabia que meu pai tinha sido um bom trabalhador. Depois a conversa cambaleou para os prejuízos que a doença dele lhe havia causado, das vezes que meu pai necessitara faltar ao serviço por conta da fraqueza e que muitas eiras de feijão haviam secado, faltou irrigação. Que os meninos, então nós, éramos de alguma valia, mas não substituíamos um homem com vigor, que era necessário contratar novo caseiro. Chegou até a dizer que sua mulher não gostava de viúvas na cozinha, que já vira outras chorando sobre as panelas abertas, respingando lágrimas nas comidas, dando-lhe repugnância comê-las. Disse que os tempos andavam difíceis, que o preço do feijão e do milho caíra muito e que os impostos tinham subido demais. Havia chegado a

hora de devolvermos a casinha, pois novo lavrador com família estava para chegar e não havia como abrigá-los senão no casebre que havia sido ocupado pelo meu pai. Estendeu a ela um envelope, mostrando que ali estava o salário do meu pai e mais um agrado para nosso começo de vida. Não creio se nessa hora minha mãe ainda o ouvia, pois não a vi lhe agradecer, como é do costume dos humildes. Algo muito sério a transpassava, pois nos olhos se lia um desespero atroz. Meu irmão mais velho sumido no fundo da rede, respirando fragilmente entre um acesso de tosse e outro, resistindo a sua fibrose pulmonar, meus outros irmãos envolvidos na tarefa de se habituarem à idéia da morte do meu pai, todos nós deslocados dentro de nossa nova realidade, confusos, amedrontados. Minha mãe entrou pra dentro de casa e me mandou avisar ao patrão que até ao entardecer a deixaria. Que lhe desse tempo de reunir em uma mala o pouco que amealhara. O homem ouviu satisfeito, aliviado pela condescendência dela, muito prestimosa em não lhe cobrar assistência ou consideração, compaixão ou auxílio, na obediência sempre contumaz dos simples. E assim, órfãos de pai, sem nada mais do que nossas dores para encher nosso fardel, rumamos sem destino para a estrada que margeava a fazenda, jogando-nos sem idéia para um destino absolutamente incerto. Uma fuga ansiada se realizava em minha vida, mas que me enchia de pavor. A minha pouca idade e meu analfabetismo não me impediam de ver que estávamos abandonados, banidos do Chão de Sonhos, sem nada além de nós mesmos. Sequer um plano de sobrevivência minha mãe teve tempo de tecer e empurrada por uma fé necessária, nos carregou, acabrunhada por uma dor maior do mundo. Na estrada, sentados por sobre as poucas malas que continham a miséria de nossa vida dura e o retrato do meu pai enrolado nos cueiros de minha irmãzinha, como uma jóia embrulhada com esmero, aguardávamos, não sabíamos exatamente o quê. Minha mãe levava uma botija com água, umas broas que sobraram do enterro do meu pai e um queijo salgado. De tempos em tempos os repartia conosco, à medida que a noite avançava. As estrelas, tão amadas de meu pai, em sinal de vivo protesto, não apareceram. Não ousávamos perquirir o que ela iria fazer, não ousávamos anunciar nosso desespero. Uma compreensão de tragédia nos dominava e apenas fazíamos companhia a sua espera inexata. Mas, de repente, surgiu no breu da noite uma luz beirando o chão, que foi crescendo junto com o barulho de um motor que se aproximava. Um caminhão carregadinho de laranjas parou junto de nós e um caminhoneiro curioso queria saber o que uma mulher e uma penca de crianças faziam na beira da estrada no meio da noite. Minha mãe lhe explicou com o resto de coragem que lhe sobrava que havia ficado viúva, que havia sido banida e que de ontem para hoje deixou de ser uma mulher casada e empregada, com um teto para dormir os filhos, e passou a ser uma sombra de dor e desamparo, não lhe sobrando sequer uma idéia do que fazer, esperando apenas que algo lhe acontecesse, indiferente de ser bom ou ruim, pois dor maior que a sua não conseguia imaginar. O homem se apiedou de nós e nos mandou subir na carroceria do caminhão. Nos acomodamos por sobre as laranjas, com a licença de chupá-las durante o trajeto. Não sei lhe dizer se experimentei alegria ou alívio, ou um misto de cada um, tamanho era o meu sofrimento, aliado ao meu torturante sentimento de impotência. Sei apenas que naquele instante o meu medo ficou um pouco menor e me acostumei com a noção de que cada hora, dali para frente, seria um desafio de sobrevivência, ainda mais duro, porque desconhecido. Rumamos junto com o moço. Minha mãe não se lembrou de perguntar qual o destino daquele caminhão. E foi assim, sem noção precisa do nosso caminho, que chegamos em Goiânia, uma cidade em construção. Era manhã, o sol despontava. À medida que os contornos da cidade nova se desenhavam a minha frente, um sentimento antigo de esperança, ainda sobrevivente, teimava em se reacender em meu coração. O caminhão avançava pelas ruas e eu, menino nascido e criado na roça, que nunca havia visto tanta casa junta e alguns prédios com inacreditáveis três andares, fiquei absolutamente estupefato. Vi algo que me chamou muito a atenção. Uma espécie de casa grande, em forma de U, com um grande muro branco ao redor e um portão verde de ferro. Havia algumas inscrições grandes em uma placa sobre sua fachada frontal. Dela se ouviam gritos e barulhos de crianças e as poucas que do

edifício saíam trajavam a mesma roupa igual. Um bermudas até a altura dos joelhos e camisas brancas. Nas mãos havia livros e cadernos! Eu estava diante de uma escola, esse ente encantado tão desejado nos sonhos do meu pai, nos sonhos que herdamos dele. Então gritei ao caminhoneiro para que parasse lá. Minha mãe, sem força para reagir, apenas acompanhava com um olhar interrogativo a pretensão da minha ação, sem me compreender. O motorista estacionou em um posto de gasolina acreditando que eu desejava usar o banheiro. Eu lhe perguntei ansioso se de fato aquele prédio era uma escola. O motorista compreendeu minha ansiedade e assinalou que sim. Implorei a minha mãe que parássemos ali, que naquela rua achássemos um pouso, que não poderíamos mais ficar longe de uma escola. Meu desejo era tão intenso que na ausência de um plano melhor ela nos desceu a todos do caminhão, conduzida por meu impulso. Ao caminhoneiro teve minha mãe lembrança de agradecer e ele, ao seu turno, nos desejou boa sorte, que evidentemente iríamos precisar. A proximidade daquela escola encheu meu espírito de vigor e eu tomei a iniciativa de conversar com os trabalhadores que estavam no posto, assistindo a estranha cena de uma família saída de um caminhão de laranjas. Contei-lhes da nossa situação e pedi informações de abrigo, de trabalho, de algo que pudesse significar apoio. Eram muitas as famílias que na época da construção de Goiânia se achegavam à cidade todos os dias e já havia falta de moradia para muitas delas, eram as notícias. Mas um lavador de carros, de nome José, nos indicou uma pequena pensão a duas ruas do posto de gasolina. Lá, poderia haver sobrado um quarto ou dois para o nosso abrigo. Minha mãe, recuperada do seu torpor, meio que iluminada por um feixe de esperança, mandou que levantássemos e fôssemos em direção à Pousada Santa Bárbara. Recebeu-nos uma mulher de seus quarenta anos, cabelos negros presos em um coque muito alinhado, com um vestidinho colorido de flores azuis e um laço bem apertado naquilo que deveria ter sido uma cintura esbelta antes de sua três gestações. Ela nos sorriu e disse que tinha apenas um quarto, que se quiséssemos dividi-lo entre nós, alguns dormindo no chão, não haveria problemas. Minha mãe abriu o envelope que o patrão lhe havia dado e contou o pouco dinheiro que continha. Viu, temerosa, que o dinheiro mal daria para o pouso de uma semana, e o depositou consternada nas mãos de Dona Bárbara. Ela nos foi mostrando então toda a pensão, nos falando de seus inquilinos, das regras quanto aos horários de refeição, da limpeza necessária dos banheiros e que era de bom tom usá-los sem demora, pois a pensão contava apenas com três banheiros para 40 hóspedes. Foi um alívio termos sido apresentados ao nosso quartinho, que abrigava dois beliches e um tapetinho redondo de crochê em seu centro, feito de cordão tingido de urucum, bem vermelhinho, fazendo rima com o cimento queimado do piso. Havia uma janela no canto, que dava vista para um quintal modesto, enriquecido por dois pés de pata de vaca, cujas flores de um rosa contagiante, abrigavam um sem número de beija-flores, além das duas goiabeiras em flor. Algo de reconfortante beirava o ar e uma calma, suave como uma brisa da manhã, começava a se instalar dentro de mim. Como estávamos no meio da manhã e a pensão estava vazia, pois os inquilinos estavam todos no trabalho, depositamos nossas malas em um cantinho do quarto, por que não eram muitas, e fomos nos banhar. Foi meu primeiro banho de chuveiro, pois até então essa modernidade só havia na casa do patrão. Na nossa casa da Fazenda, o nosso banho era na bica, escondida atrás do galinheiro, onde as mulheres areavam as painéis de alumínio que vinham encardidas da cozinha e os grandes tachos de fazer doce. Foi inevitável que meus irmãos menores se deliciassem com aquela novidade, apesar do luto do meu pai, da noite não dormida em cima de um caminhão de laranjas, de um silêncio pesado, entremeado pelos soluços de minha mãe, pelo medo, pelo abandono, pela incerteza de tudo. Quando se é criança, a oportunidade do bom nunca passa despercebida, mesmo nos piores momentos. Terminados os banhos e o entusiasmo com os chuveiros, voltamos para o nosso quartinho. Minha mãe acomodou Sebastião, meu irmão mais velho, em uma cama de baixo. Nos seus pés, já sem quase movimento, instalou minha irmãzinha de 04 anos, chamada Isabela. Na outra caminha baixa, colocou em cada extremidade minha irmã Natália, com oito anos, e eu. Meu irmão Ernesto,

com 12 anos, ficou com a primeira cama alta do beliche do lado direito e minha mãe, ainda um tanto insegura, se empoleirou na cama de cima do beliche à esquerda. E dormimos um sono necessário, amparados por um teto, pela acolhida de Dona Bárbara, afastados do escuro da noite, ouvindo os novos sons da cidade, vencidos pelo cansaço, extenuados pela avalanche de emoções que nos dominava desde a morte de meu pai. Então eu sonhei. Sonhei que também tinha um uniforme e que de manhã bem cedo eu tomava o rumo da escola, que as letras já não tinham mistérios para mim e que eu lia para minha mãezinha as notícias do jornal, os dramas das novelas nas revistas, as embalagens dos produtos que compraríamos nas diversas mercearias da cidade. Sonhei que lia para ela meu nome em um diploma e que veria lágrimas de contentamento escorrendo por sua face, tão linda ainda apesar do sol inclemente e da faina sempre rude ter lhe riscado com rugas prematuras o contorno delicado de seu rosto, emoldurando o verde límpido dos seus olhos. Acordamos com Dona Bárbara nos chamando para o almoço. Foi a primeira vez em anos que minha mãe comeu uma comida que não tinha sido feita por ela mesma e o sabor lhe pareceu tão inusitado, algo que no transtorno de sua dor não poderia definir como bom ou como ruim, tão anestesiada estava com os últimos acontecimentos. De um jeito sincero, Dona Bárbara foi se apoderando de nossa história, sabendo da morte do meu pai, da doença do meu irmão, da expulsão do Chão de Sonhos, da mesquinhez do patrão, da falta de planos de minha mãe. E como mulher que era, foi logo organizando mentalmente as soluções necessárias para as nossas vidas. Acabado o almoço, propôs para mim mãe, passado o seu luto, que lhe ajudasse com a lavação dos lençóis da pensão. Que como eram muitos, nunca havia parado uma lavadeira, todas se amedrontavam com o tamanho do serviço. Que poderia lhe pagar um salário pouco, mas suficiente para garantir o pouso de todos nós em nosso quartinho. Que havia possibilidade de eu e meu irmão Ernesto trabalharmos em alguma coisa, na entrega de marmitas aos trabalhadores da construção civil, ou como engraxates na rodoviária ou na porta da Igreja Matriz de Campinas. O semblante da minha mãe se iluminou, não sei se pela força com que Dona Bárbara tecia seus projetos ou se por vislumbrar uma saída para a sua vida atormentada. Minha mãe decidiu acatá-los imediatamente, sem o tempo do luto. Este ela o viveria na solidão das noites vazias. Para o dia, deixaria para suas mãos produzirem o alento para nossas vidas, acostumadas que estavam com as lides pesadas no campo. E assim, com a esperança de uma vida nova se insinuando em seu espírito combalido, enfrentou com coragem e desenvoltura o tanque de Dona Bárbara, empregando na limpeza dos lençóis e de toda a roupa da pensão o mesmo vigor com que havia sobrevivido até então. Foi nesse período que tive meu primeiro contato com o objeto dos meus desejos. Amanheceu o dia e, por ordem de Dona Bárbara, que não queria crianças transitando pela pensão enquanto ela a organizava, fomos todos destinados à escola municipal, aquela mesma que eu havia identificado na manhã anterior. Não sei descrever a emoção que senti quando transpuse aqueles portões, de mãos ainda vazias, sem uniforme e sem sapatos, apenas com o desejo maciço e permanente de aprender algo que me levasse para dentro das visões promissoras do meu pai. Esqueci-me dos meus pés descalços, da minha evidente pobreza e me dirigi firmemente ao encontro daquilo que seria o começo da história que sempre desejei para mim. A diretora nos recebeu alegremente e nos distribuiu pelas salinhas abarrotadas de outras crianças, que nos olhavam curiosas pelas ausências que denunciavam nossas vestes rotas. Algumas delas se riam baixinho, outras nos olhavam com indisfarçável reprovação. Algumas delas, também conhecedoras da pobreza, nos dirigiam olhares mais acolhedores e, assim identificados fomos, aos poucos, nos enturmando com outros meninos e meninas que haviam chegado em Goiânia junto com suas famílias para construir uma cidade enquanto fugiam de suas tragédias pessoais. Tudo naquele ambiente me parecia mágico, a lousa verde, as paredes brancas, as carteiras de madeira envernizadas, as janelas e portas azuis. O som da escola em nada me lembrava o som da fazenda, como se minha vida até aquela data ainda não tivesse começado a existir. Pela hora do almoço voltamos à pensão. Dona Bárbara já havia alertado a

vizinhança que minha mãe tinha cinco filhos que precisavam de roupas, agasalhos, cadernos e material escolar. Aos poucos foram aparecendo umas roupinhas usadas aqui, uns caderninhos acolá, umas botinas com meia sola, ainda dispostas a acolher um pé cansado, e, desse jeito, dentro da caridade de gente humilde como nós, fomos orquestrando nossa vida nova. Pela tarde, eu e meu irmão íamos para a frente da Matriz de Campinas para engraxarmos os sapatos dos fiéis. Como nós, havia outros meninos que disputavam os clientes e se revezavam entre o mercado municipal e a rodoviária, convergindo para a frente da igreja nos horários dos serviços religiosos. Muitos deles experimentavam abandonos maiores que os nossos, distantes que estavam até de suas mães. Outros, pela indiferença das que tinham. Nem todos viam na escola a perspectiva que me assomava e eu me atrevia a sonhar com um diploma, coisa por demais pretensiosa para um menino miserável como eu. Voltava para casa cansado, com poucas moedas que minha mãe contava ansiosa, distribuindo-as entre as nossas muitas necessidades. Pela noite, eu lhe falava do meu dia, das coisas que havia feito e aprendido na escola. Ela me esperava com um prato quente de sopa, ou um mexido de feijão com arroz, das sobras do jantar. Sentávamos em um banco no fundo do quintal de Dona Bárbara e dividíamos nosso cotidiano. Lembro-me de seus conselhos e dos temores que tinha relacionados ao fato de eu trabalhar na rua. Eu lhe garantia que não me afastava um centímetro sequer de suas orientações. Lembro-me de como foi bom revê-la sorrir quando pela primeira vez escrevi o meu nome na terra do nosso cantinho no quintal: Jorge Emanuel Filho. Eu tinha do meu pai o mesmo nome e o apreço pelos sonhos e deles eu lhe falava por longas horas, até que as necessidades de saúde do meu irmão e as solicitações dos menores a sequestravam de mim. Então eu me quedava quieto, com os livros nas mãos, meu caderno amassado, dedicando-me fervorosamente ao trabalho de aprender, iluminado pela candeia bruxuleante que vizinhava o muro da pensão, quando vez por outra, com saudades do meu pai, mirava o contorno leitoso da Via Láctea, esperando ver a noiva em busca do seu sonho, assim como eu. O tempo foi passando, alguns meninos se perdendo em frente a Igreja da Matriz, consumidos pelo álcool ou pelas drogas, afastados da família e da escola. Eu insistia no meu sonho e me repartia entre o estudo e o trabalho, não conhecendo minha infância senão outra coisa que uma feroz obstinação em viver e vencer. Concluí o primário e o ginásio, muito para um jovem com a minha procedência. Minhas irmãs Isabela e Natália pretendiam fazer o magistério e se tornarem professoras. A proximidade da escola as havia inspirado e na época não havia outras opções para as moças. Meu irmão Ernesto também havia acabado o ginásio e já trabalhava em uma loja de peças de automóveis em Campinas. Nessa época, alugávamos um barracão perto da Pensão Santa Bárbara, mantendo os vínculos com a vizinhança que nos havia acolhido em hora tão desditosa em nossa vida. Minha mãe nutria o sonho secreto de uma morada própria, sonho que ela dividia timidamente comigo em nossas muitas conversas. De suas mãos habilidosas e da sabedoria de sua vida sofrida e abnegada, ela conseguiu juntar uma pequena poupança, algo para garantia de seu futuro incerto e do meu irmão Sebastião, que apesar de sua têmpora garrida, nunca conseguiu conciliar os estudos com o trabalho, seqüelas de sua lida no campo que cedo comprometera gravemente seus pulmões. Um dia, mirando com minha mãe o estrelado da noite, ela me perguntou por onde andava aquele diploma que um dia jurei depositar em suas mãos. Foi quando me recordei do quanto eu o havia desejado, mas que a necessidade imperiosa de trabalhar me havia esclarecido que seria um daqueles sonhos só para ser sonhado, considerando minha escassez de recursos. Então, ela me olhou com o verde dos seus olhos, fincando em mim um olhar que era uma ordem, e depositou suas economias em minhas mãos, com a missão de lhe trazer meu diploma em Direito. Eu não podia aceitar, mas isto não estava em questão. Em todos aqueles anos ela jamais me havia pedido qualquer coisa e naquele instante decisivo ela estava ordenando que eu me encontrasse com meu sonho. Confesso que aquelas economias queimavam em minhas mãos, por que elas significavam horas sem fim em trabalhos árduos, em privações de toda sorte, traduziam uma vida de abnegação e severa disciplina. E havia o risco de eu não conseguir

ingressar na faculdade, de não conseguir me formar, de não conseguir um trabalho rentável o suficiente a lhe devolver o investimento de sua vida. E assim, diante do assombro de se caminhar em direção a um sonho tido por impossível e o receio de submeter minha família a uma situação de insegurança, me armei de uma fé inabalável, alimentada pela força de minha mãe, e fui em busca do meu ideal. Suplantei preconceitos e fui admitido na faculdade de Direito com 28 anos. Era o mais velho estudante calouro de minha época. Comprei livros usados e fiz da biblioteca meu segundo lar. Lia fervorosamente todos os artigos jurídicos, os impressos novos chegados de São Paulo. Assistia a julgamentos no tribunal de júri e trabalhava gratuitamente como estagiário em um escritório de advocacia, somente para adquirir experiência necessária para montar meu próprio escritório, fazendo contatos com outros advogados, juízes, promotores. Finalmente, passados cinco anos de feroz dedicação, pude depositar nas mãos de minha mãe o diploma por tantos anos sonhados. Naquele instante, senti o mesmo arroubo de emoção como quando da primeira vez que entrei na escola. Mas a realidade se mostrou inexorável novamente. Tantos anos de dedicação e trabalho duro haviam por fim afetado a saúde de minha mãe. Assim como a meu pai, a via esquecer-se das palavras, deixar as coisas caírem facilmente de suas mãos débeis, encurvava-se seu corpinho magro. As saídas não estavam claras novamente. Se eu escolhesse a carreira de advogado, demoraria muito tempo para poder ganhar o suficiente para dar a ela o conforto material necessário. Os ingressos nas carreiras judiciárias dependiam de indicações políticas e eu não tinha nenhum relacionamento influente, considerando minhas origens tão humildes. Foi então que surgiu a oportunidade de trabalhar como Inspetor do Trabalho, uma função pública que eu pouco conhecia. Empenhei-me novamente com um afinco sobre-humano, reconhecendo naquela oportunidade a minha tábua de salvação. Para a minha alegria, consegui ser aprovado em 1975 no 1º Concurso Público Nacional para Inspetor do Trabalho e me vi diante da função de proteger trabalhadores. Isso encheu minha vida de um especial significado. Eu podia levar aos trabalhadores a proteção que não tiveram meu pai e meu irmão, evitando a muitos as seqüelas do trabalho desprotegido, dos excessos que comprometem a saúde e a dignidade de homens e mulheres justos, retirando do trabalho uma multidão de meninos e meninas que são forçados a abandonar o sonho da escola pela faina mal gratificada, sem vivenciarem uma infância necessária. A oportunidade do estudo que meus pais tanto me assinalaram deram a minha vida um sentido extraordinário. Todos os dias resgato minha história e de minha família no exercício da minha função. No final do meu primeiro ano como Inspetor do Trabalho dei entrada no financiamento da minha casa própria. A esse tempo, minhas irmãs e meu irmão Ernesto já haviam se casado e organizado suas vidas com muita dignidade e com maior conforto do que havia em nossos dias longínquos lá no Chão de Sonhos. Então, instalei minha mãe e meu irmão Sebastião em nossa casinha e a chamei de Solar Ana Linda, em sua homenagem. Para ela, reservei o quarto que dava fundos para o quintal. Lá plantei uns pés de pata de vaca, para garantir as flores e os beija flores, e duas goiabeiras, para garantir a diversão dos netos que estavam por chegar. Reproduzi o jardim acolhedor da Pensão de Santa Bárbara, onde muitas daquelas árvores haviam testemunhado a força de nossos sonhos. As mãos de minha mãe, que nunca conheceram o descanso, continuavam laboriosas em um trabalho incessante de bordar e costurar, refazendo panos, tapetes, colchas, para as necessidades de nossa casa e de suas mãos, que se recusavam a se quedarem tranquilas e serenas, a exemplo dos seus olhos, que nas noites quentes de verão se estendem para além do azul da noite, procurando no rastro da Via Láctea os passos do meu pai, como aquela noiva que lá deixou seu véu iluminado, enquanto perseguia os rastros do seu amado. E é assim que vidas e sonhos acontecem por debaixo do azul sem fim do céu de Goiás.